

O PROBLEMA DA SINTAXE EM MATTOSO CAMARA: explorando alguns papéis de arquivo sobre o assunto

Francivaldo Lourenço da Silva

RESUMO

Swiggers (2019) classifica a necessidade de obter mais e melhores informações sobre fontes não publicadas e vários tipos de textos-fonte “não canônicos” (trabalhos manuscritos, correspondência, rascunhos, notas preparatórias etc.) como problema relacionado a condições heurísticas da Historiografia da Linguística. Por sua vez, Auroux (2021) afirma, na perspectiva da História das Ideias Linguísticas, que as representações supõem os objetos; define, então, o que chama de domínio de objetos históricos: é ele um conjunto qualquer de entidades suscetíveis de ser o apoio empírico do trabalho do historiador. Nestas coordenadas teóricas tomamos como objeto de nossa investigação a representação da frase e da sintaxe no pensamento linguístico de Mattoso Camara. A partir da observação dos processos de textualização presentes em documentos seus não publicados, encontrados no Arquivo Mattoso Camara localizado na Universidade Católica de Petrópolis (UCP), pudemos apreender alguns dos movimentos que afetaram a produção de conhecimento de M. Camara sobre sintaxe. Analisamos estes documentos com base no duplo interesse dos arquivos privados dos cientistas: documental e processual (Fenoglio, 2012; Testenoire, 2016). Nosso objetivo foi, também, evidenciar o papel heurístico da genética textual aplicada a textos de linguistas em investigações da História das Ideias Linguísticas.

Palavras-chave: *Sintaxe; Mattoso Camara; História das Ideias Linguísticas.*

ABSTRACT

Swiggers (2019) classifies the necessity to obtain more and better information about unpublished sources and various types of “non-canonical” source texts (manuscript works, correspondence, drafts, preparatory notes etc.) as a problem related to Historiography of Linguistic’s heuristic conditions. In turn, Auroux (2021) states, from the perspective of the History of Linguistic Ideas, that representations imply objects; he defines, then, what he calls the domain of historical objects: it is any set of entities susceptible of being the empirical support of the historian’s work. In these theoretical coordinates, the object of our investigation is the representation of the sentence and the syntax in the linguistic thought of Mattoso Camara. We analyze the textualization

processes present in the unpublished documents that is found in the Mattoso Camara Archive located at the Universidade Católica Petrópolis (UCP). We seek to learn the movements that affect the production of M. Camara's knowledge about syntax. We analyze these documents based on the double interest of private archives of scientists: documentary and processual (Fenoglio, 2012; Testenoire, 2016). Our objective was also to demonstrate the textual genetics' heuristic role, when applied to linguistic texts, in the History of Linguistic Ideas.

Keywords: *Syntax; Mattoso Camara; History of Linguistic Ideas.*

1. Uma proposta para a História das Ideias Linguísticas

Neste artigo discutimos a importância dos manuscritos de trabalho dos estudiosos da linguagem para a História das Ideias Linguísticas. Tomamos como objeto de nossas investigações os textos e papeis de trabalho do linguista brasileiro Joaquim Mattoso Camara Jr. (1904 – 1970). Muito do labor científico de M. Camara se encontra inexplorado no Arquivo que leva seu nome, localizado na Biblioteca Central da Universidade Católica de Petrópolis.

É preciso que estabeleçamos dois fundamentos importantes de nossa abordagem histórica. O primeiro deles é o das externalidades cognitivas (AUROUX, 1998, 2008), ou seja, a compreensão de que a inteligência humana depende de instrumentos externos, na medida em que a crítica histórica dos suportes é fonte de pistas para a historicização das ideias; e o segundo é o da genética textual, desenvolvida e aplicada aos textos de linguistas por Fenoglio (2013, 2019), na medida em que promove a classificação dos suportes e dos processos de escritura. O primeiro destes fundamentos conforma-se aos seguintes postulados: uma ideia¹ linguística é a representação metalinguística

1 Nossa compreensão do termo ideia considera não apenas a formulação de Auroux (1989, p. 15) — “Par idées, nous voulons simplement dire savoirs ou représentations général”

de um fenômeno linguístico; e as externalidades cognitivas constituem a contraparte histórica das ideias linguísticas; o segundo à afirmação a seguir:

La lecture des manuscrits qui préparent et réfléchissent, tel un miroir, l'écriture d'un discours linguistique, permet de mettre au jour non seulement un processus de genèse scripturale mais aussi un processus de naissance conceptuelle, d'invention théorique se matérialisant dans sa propre matière qui est celle du discours. Nous sommes dans un champ spécifique de travail dont il s'agit de montrer la pertinence (FENOGLIO, 2012, p. 132)².

1.1 Ideias linguistas e representação

O postulado da ideia linguística como representação metalinguística de um fenômeno linguístico diz respeito à natureza do objeto de investigação da História das Ideias Linguísticas. Diferente dos objetos de outras perspectivas históricas, os desta disciplina não são, essencialmente, acontecimentos, mas, fundamentalmente, representações. No entanto, essas representações, por serem metalinguísticas, participam de outra ordem de fenômenos linguísticos. A frase, por exemplo, quando enunciada, participa da ordem das atividades linguísticas; ao definir, operacionalizar, descrever etc. a ideia de frase, situamo-nos na ordem do conhecimento qualificado. A história que nos interessa é a dos fenômenos desta última ordem. Auroux (2008, p. 125) define representação como impressões que possuem a propriedade de ser automaticamente relacionadas/relacionáveis aos objetos e aos sujeitos do mundo exterior, não simplesmente como causas, mas como algo que pode eventualmente valer em seu lugar.

Destas considerações podemos inferir que as ideias linguísticas são representações, concretizadas por termos e asserções metalinguísticas, de fenômenos linguísticos surgidos das relações entre um grupo de sujeitos (S) com dado mundo (M). Para cada enunciado metalinguístico é preciso, portanto, destacar o fenômeno que ele supõe e os fatos que dele decorrem. Tomemos os exemplos a seguir:

[tradução nossa: Por ideia, entendemos simplesmente conhecimento ou representação geral] —; mas também a noção de ideia como “a unidade do conceito e da realidade”, elaborada por SANTOS(1955, p. 119), e a noção de ideia como signo, elaborada por DEELY (1982, p. 175 ss.).

2 Tradução nossa: “A leitura dos manuscritos que preparam e refletem, tal como um espelho, a escrita de um discurso linguístico, permite expor não apenas um processo de gênese escritural, mas também um processo de nascimento conceitual, de invenção teórica materializando-se em sua própria matéria que é aquela do discurso. Estamos num campo específico de trabalho do qual interessa mostrar a pertinência”.

EXEMPO 1: Frase é a combinação ou relação de palavras que dá expressão a um pensamento, o qual pode ser COMPLETO, como: A vida do homem é trabalhosa, ou INCOMPLETO, como: A vida do homem (PEREIRA, 1957, p. 211).

As ideias linguísticas presentes nesse enunciado são, numa análise preliminar e parcial, as seguintes³:

- ID₁ {frase como expressão de um pensamento};
- ID₂ {palavra como elemento componente da frase};
- ID₃ {combinação como processo linguístico};

O fenômeno que subjaz a este enunciado é a capacidade de S materializar (combinar e relacionar palavras) algo imaterial (pensamento); também está suposto aí algo da natureza do pensamento (ser completo ou incompleto).

Resulta da consideração do fenômeno e de sua enunciação os dois fatos a seguir, que podem interessar à História das Ideias Linguísticas: o enunciador entende a relação entre frase e pensamento em termos do que expressa (construção) e do que é expressado (proposição); e há aí a prioridade do pensamento sobre o linguístico (característico de doutrinas racionalistas).

EXEMPLO 2: FRASE – Unidade de comunicação linguística, caracterizada, como tal, do ponto de vista comunicativo – por ter um propósito definido e ser suficiente para defini-lo, e do ponto de vista fonético – por uma entoação, que lhe assinala nitidamente o começo e o fim. É assim a divisão elementar do discurso, mas pertence à estrutura linguística por obedecer a padrões sintáticos vigentes na língua, no seu sentido de sistema por que se pauta o discurso (MATTOSO CAMARA, 1970, p. 187).

As ideias linguísticas presentes nesse enunciado são as seguintes:

- ID₁ {frase como unidade de comunicação linguística};
- ID₂ {ponto de vista comunicativo como fundamento para o estudo da linguagem};
- ID₃ {propósito definido como elemento suficiente para definir a frase};
- ID₄ {pontos de vista comunicativo e fonético como caracterizadores da frase};
- ID₅ {entoação como meio de assinalar o começo e o fim da frase}.
- ID₆ {frase como a divisão elementar do discurso}.
- ID₇ {estrutura linguística como objeto do estudo linguístico}.
- ID₈ {frase como elemento da estrutura linguística}.

³ A análise das ideias apresentadas se baseia em técnicas da lógica formal, aplicadas a apreensão de proposições lógicas de enunciados em língua natural. Assim, extraímos dos enunciados os termos metalinguísticos e os relacionamos por meio do comparativo “como” aos termos que assinalam as notas de sentido próprias aos fenômenos linguísticos representados.

- ID₉ {padrões sintáticos como estrutura linguística subjacente}.
- ID₁₀ {língua como o sistema porque se pauta o discurso}.

O fenômeno no qual se baseia esse segundo exemplo é a capacidade de comunicação de S (unidade de comunicação linguística; propósito definido), bem como a faculdade de linguagem de S (ponto de vista fonético; estrutura linguística); também está suposto aí um ponto de vista epistemológico especializado (o da linguística).

Da consideração do fenômeno e de sua enunciação decorrem os fatos a seguir: o enunciador situa-se numa perspectiva eminentemente científica, a saber, na perspectiva da linguística, o que por si só assinala um fato histórico relevante; a frase é entendida como elemento de um fenômeno maior, a comunicação, que se efetiva por meio do discurso e adquire seus padrões formais da língua, o que direciona nosso olhar para as relações de M. Camara com o estruturalismo linguístico do Círculo de Praga.

A comparação dessas análises revela-nos os movimentos porque passaram as ideias relativas à teoria da frase no Brasil, que vão de teorias racionalistas a teorias estruturalistas. Ao nos aprofundarmos na produção do conhecimento histórico das ideias linguísticas encontramos indícios da mudança de paradigma que pode ter ocorrido no período entre a produção científica de Eduardo Carlos Pereira e a de M. Camara: as ciências da linguagem no Brasil passaram de fundamentos lógico-psicológicos para fundamentos eminentemente linguísticos. Temos aí o resultado da implementação de um conjunto de mecanismos heurísticos útil à História das Ideias Linguísticas.

128

1.2 Ideias linguistas e externalidades cognitivas

Em nosso trabalho assumimos como válidas as hipóteses do empirismo externalista, proposta filosófica de S. Auroux (1998), sobretudo as que sustentam que:

l'intelligence est originellement un artifice et que ses manifestations sont dépendantes d'instruments externes. L'intelligence de l'homme est en quelque sorte une certaine organisation du monde dont les hommes sont une partie. Ce qui n'empêche évidemment pas que l'on puisse internaliser certains procédés en acquérant certains systèmes symboliques (cf. le calcul mental). Tout n'est pas dans la tête, mais il peut y avoir beaucoup de choses dans nos têtes (AUROUX, 1998, p.7)⁴.

4 Tradução nossa: “a inteligência é originalmente um artifício e que suas manifestações dependem de instrumentos externos. A inteligência humana é, de alguma maneira, uma certa organização do mundo da qual os homens são uma parte. O que não impede, evidentemente,

O fundamento da ideia como representação, como visto, encontra-se na relação de um sujeito (S) com um mundo (M). S produz uma série de eventos, dotados de certa regularidade (a despeito de serem particulares) e de certas propriedades; estes eventos guardam uma relação não-reflexiva com as ideias (ID) de S, o que acaba por constituir uma língua natural (LN) (AUROUX, 1998); a inteligência linguística depende, portanto, na perspectiva do empirismo externalista, de instrumentos externos que lidem com a produção dos eventos e de sua organização em classes, bem como de suas relações com as ID, instrumentos descritivos e/ou normativos, e outros instrumentos que lidem com as relações entre a representação de eventos de M, $R(e)$, que equivalem a uma ideia (ID), $R(e) = ID$, e entre as representações de ideias, $R(ID)$, que equivale a uma ideia, $R(ID) = ID$, instrumentos metalinguísticos e/ou analíticos.

De acordo com Auroux (2008, p. 125-126), a relação do ser humano com seu ambiente passa, necessariamente, pela colocação em funcionamento de elementos cuja construção e conservação dependem de externalidades e/ou são externalidades; tanto quanto estes elementos se referem à representação, trata-se do que se chama conhecimento ou saber. Estes elementos, ou conhecimentos, constituem uma nova ordem de entidades, distinta da ordem das ideias e da ordem dos entes físicos. No campo da linguagem estas concepções teóricas se concretizam nas formas assumidas pelo signo linguístico (ordem dos entes físicos), nas representações dos elementos, processos e fenômenos linguísticos (ordem das ideias) e nos conhecimentos linguísticos (ordem do saber).

No entanto, os conhecimentos não são acontecimentos e, então, não têm data; são suas eventuais aparições que têm data e que, portanto, datamos. O que não é tão fácil, pois, para isso, é preciso construir uma permanência ou uma identidade para os conhecimentos (AUROUX, 2021, p. 2). Deste modo, podemos compreender a importância das externalidades cognitivas⁵ para a história das ideias linguísticas: são elas a contraparte histórica destas. É através da crítica histórica destas externalidades que produzimos conhecimento histórico válido acerca das ideias linguísticas objeto de nossas investigações. Nas palavras de Auroux (2008, p. 125):

se quero explicar em que consiste a aptidão aritmética de um indivíduo, não vou simplesmente procurar na sua atividade cognitiva individual (que poderia eventualmente comportar elementos inatos), deverei passar pelo estudo de uma construção progres-

que possamos internalizar alguns processos ao adquirirmos certos sistemas simbólicos (ex. o cálculo mental). Nem tudo está na cabeça, mas pode haver muita coisa nela”.

5 “A representação humana é, com efeito, caracterizada pela importância das externalidades cognitivas (os livros, as bibliotecas, as calculadoras etc.) que levam a ultrapassar as capacidades individuais por meio de instrumentos técnicos e significantes” (AUROUX, 2008, p. 125).

siva, geração após geração, de objetos externos (sistemas de notações, protocolos gráficos, instrumentos como redes de pesca, ábacos etc.). Tenho imediatamente contato com objetos históricos.

Deste modo, os enunciados científicos que contêm as ideias linguísticas que analisamos como elementos encontram-se registrados em externalidades cognitivas: a *Gramática Expositiva: curso superior* (107^a ed.) de E. C. Pereira e o *Dicionário de Filologia e Gramática: referente à língua portuguesa* (4 ed.) de M. Camara; como instrumentos linguísticos, possuem, cada qual, uma “biografia”⁶. São elas, também, um dos muitos pontos do percurso histórico da ID{frase como expressão do pensamento} e da ID{frase como unidade de comunicação}; a partir da investigação de seus horizontes de retrospecção podemos, com segurança, traçar uma das muitas linhas de desenvolvimento ou de circulação, conforme o caso, destas ideias.

1.3 O trabalho com manuscritos de linguistas: contribuição da genética textual para a História das Ideias Linguísticas

Para a definição das tarefas realizadas sobre os documentos que compõem nosso domínio de objetos, apoiamo-nos na problematização de Swiggers (2019, p. 70) quanto a necessidade de obter mais e melhores informações sobre fontes não publicadas e (vários tipos de) textos-fonte “não canônicos”, bem como em sua definição da epi-historiografia como um ramo “lateral”, que lida com informações específicas sobre os agentes e os produtos materiais que moldaram a história da Linguística; como tal, a epi-historiografia envolve uma importante prosopografia⁷ e bibliografia e um componente filológico (SWIGGERS, 2019, p. 53).

Os documentos que selecionamos classificam-se assim como textos-fontes “não-canônicos” e fontes não publicadas. A coleta desses documentos deu-se a partir da exploração do Centro de Estudos Linguísticos Mattoso Camara (CEL Mattoso Camara), que consiste numa sala da Biblioteca Central

6 Para as mudanças, por exemplo, da Gramática Expositiva temos: MOLINA, Márcia A. G. Um estudo descritivo-analítico da Gramática Expositiva (Curso Superior) de Eduardo Carlos Pereira. Tese de doutorado. São Paulo: USP, 2004.

7 De acordo com Stone (2011, p. 115) a prosopografia é a investigação das características comuns de um grupo de atores na história por meio de um estudo coletivo de suas vidas. O método empregado constitui-se em estabelecer um universo a ser estudado e então investigar um conjunto de questões uniformes - a respeito de nascimento e morte, casamento e família, origens sociais e posição econômica herdada, lugar de residência, educação, tamanho e origem da riqueza pessoal, ocupação, religião, experiência em cargos e assim por diante. Os vários tipos de informações sobre os indivíduos no universo são então justapostos, combinados e examinados em busca de variáveis significativas. Eles são testados com o objetivo de encontrar tanto correlações internas quanto correlações com outras formas de comportamento ou ação.

da Universidade Católica de Petrópolis (UCP) destinada à preservação da biblioteca e do arquivo pessoais de M. Camara (MOURA, 2011).

Analisamos esses documentos com base no duplo interesse dos arquivos privados dos cientistas: documental e processual (FENOGLIO, 2012; TESTENOIRE, 2016); uma nova perspectiva da genética textual, cujo interesse nos manuscritos não se orienta para o estabelecimento de um texto, mas para a observação dos processos de escrita (TESTENOIRE, 2016, p. 2). Tomados como documentos, os manuscritos de trabalho dos linguistas contêm elementos suscetíveis de enriquecer o conhecimento histórico de suas atividades científicas. Como testemunhas de um processo de trabalho e de escrita, os manuscritos constituem também observatórios privilegiados da ciência linguística em formação (TESTENOIRE, 2016, p. 2-3).

Tomando o produto material do processo de escritura como parâmetro classificatório, podemos dizer que o conjunto de documentos de que nos ocupamos se divide em:

- a. Rascunhos:
P.I. Estudos – N. 49⁸: Os Fundamentos da Sintaxe /s.d./.
P.I. Estudos – N. 59: O Conceito de Sintaxe /s.d./.

- b. textos não publicados (e versão datilografada de texto publicado);
P.I. Estudos – N. 33: Sobre a Relação Formal entre Sujeito e Verbo /s.d./.
P.I. Estudos – N.6: A Língua Portuguesa e sua descrição. Apresentação feita na Faculdade de Letras e Museu Nacional – UFRJ. /s.d./.
P.I. Estudos – N.2: Análise Linguística. Abordagem feita no Instituto de Linguística na disciplina Linguística Aplicada ao Ensino do Português. /1968/.
P.I. Estudos – N.30: Duas palavras apenas... “estudo contemporâneo da linguagem” /s.d./.

- c. notas diversas:
P.I. Estudos – N. 64: Notas para uma Tese sobre Sintaxe Portuguesa /s.d./.
P.I. Estudos – N. 56: Para o Estudo da Sintaxe Portuguesa /s.d./.
P.I. Palestras – N. 4: 5ª Palestra sobre o vocábulo mórfico na frase /s.d./.
P.I. Estudos – N. 11: A situação na frase literária /s.d./.
P.I. Estudos – N.67: Gramática Descritiva Portuguesa /s.d./.

8 Etiquetas atribuídas aos documentos pela equipe do CEL Mattoso Camara.

d. transcrições de aulas:

P.I. Aulas – N.2: 48 aulas transcritas pelo Prof. J.M.C.J no Instituto Nacional do Livro no Curso de Crítica Textual. /1966/.

Na perspectiva genética de Fenoglio (2012, p. 28), rascunho designa, de fato, além da materialidade que representa, a atualização de um lugar em um processo que vai das notas ao texto publicado. Por texto não publicado entendemos um rascunho já revisado, carente apenas de publicação e divulgação. Em nosso dossiê incluímos nesta categoria a versão datilografada do prefácio publicado no livro de Madre Olívia, *Nova Análise Semântica* (1970). As notas são os apanhados de ideias próprias ou alheias; também aqui incluímos os planos e esquemas elaborados pelo autor. As transcrições de aula incluem as transcrições de gravações, notas de aula feitas por ouvintes presenciais e notas preparadas pelo autor para condução das aulas ministradas.

2. O problema da sintaxe em Mattoso Camara

2.1 O ideário científico de Mattoso Camara

Mattoso Camara, personagem da trama⁹ da qual tiramos o tema de que nos ocupamos aqui, é conhecido, sobretudo, por suas contribuições ao estudo da fonêmica e da morfologia do português, sob o viés do estruturalismo linguístico, que conhecia em suas diversificadas vertentes; é, também, o tipo de estudioso a quem nenhuma das facetas de seu objeto, no caso a linguagem, é estranha; encontramos mesmo na obra mattosiana “o programa de trabalho de uma ciência linguística interessada no fenômeno linguístico integral” (SILVA, 2019, p. 104)¹⁰.

O programa de trabalho de M. Camara esteia-se num ideário científico configurado pela temática e problemática do movimento de reelaboração epistemológica da linguística ocorrido a princípios do século XX. A principal tarefa desse movimento foi estabelecer a linguística como disciplina autônoma; para tanto, o estudo da linguagem foi deslocado inicialmente das ciências da linguagem clássicas (retórica, dialética e filologia) para as ciências naturais, numa perspectiva positivista de ciência. Uma nova ordem de ideias ganha cada vez mais espaço com a difusão do *Cours de linguistique générale* (1916) de Ferdinand de Saussure, sobretudo quanto à compreensão da linguística como uma ciência autônoma, com objeto próprio. Por essa época, igualmente,

9 Adotamos aqui a noção de **trama** apresentada em Veyne (1998, p. 42): “Os fatos não existem isoladamente, no sentido de que o tecido da história é o que chamaremos de uma trama, de uma mistura muito humana e muito pouco ‘científica’ de causas materiais, de fins e de acasos [...]”

10 Algo que guarda certa analogia com o programa de pesquisa de uma *linguística integral* de Eugenio Coseriu (v. KABATEK, 2018).

surgiam novas correntes epistemológicas críticas ao positivismo do século XIX: a fenomenologia e a hermenêutica, por exemplo.

Há na obra de M. Camara uma constante preocupação com a necessidade de qualificação dos estudos linguísticos sob o signo do “verdadeiramente” científico; podemos mesmo propor, como hipótese histórica, que M. Camara dedicou grande parte de seus esforços intelectuais ao programa de promoção dos estudos da linguagem no Brasil a dado nível científico, já alcançado na Europa e nos Estados Unidos.

Sua concepção de ciência pode ser inferida do plano conceitual que elaborou para sua *História da Linguística* (1ª ed., 1977), sobretudo pelos critérios adotados para a caracterização, como científicas ou não, das abordagens do estudo da linguagem. Nesta obra reconhece algum caráter científico no **Estudo de Língua Estrangeira**; no entanto, defende que o status científico só é atingido pelo **Estudo Histórico** e pelo **Estudo Descritivo**. Os critérios de cientificidade que daí podemos depreender são: observação e comparação objetivas; atenção à natureza dos fenômenos; explicitação do verdadeiro significado dos contrastes descobertos; e desenvolvimento e aplicação de um método rigoroso (portanto, científico).

Esta ordem de ideias é que o leva, e a muitos, a considerar que a “linguística é uma ciência muito nova. Começou a existir na Europa em princípios do século XIX (...)” (MATTOSO CAMARA, 1986, p. 13). Ainda esta mesma ordem de ideias se encontra em sua afirmação de que da “trilogia gramatical¹¹ (...) a sintaxe é a que menos se beneficiou dos enormes progressos dos estudos lingüísticos a partir dos princípios do século passado” (MATTOSO CAMARA, PI Estudos – N.49: Os fundamentos da sintaxe).

Não ficando apenas no plano das constatações, mas pretendendo engajar-se no plano das ações, M. Camara (PI Estudos – N.49: Os fundamentos da sintaxe) propõe-se “a trazer uma contribuição teórica para situar cientificamente a sintaxe no âmbito dos estudos linguísticos (...)”.

2.2 A ideia de sintaxe em Mattoso Camara

O problema com que nos deparamos ao elaborar nosso domínio de objetos foi o de que os textos de M. Camara – entendidos aqui especificamente como discursos publicados e com circulação nos meios acadêmicos e científicos – não nos dão uma visão suficientemente clara do lugar da sintaxe em suas cogitações teóricas.

Esse problema veio à tona, sobretudo, a partir da leitura dos papeis de trabalho conservados no Acervo Mattoso Camara; bem como do confronto

11 Termo usado por M. Camara no documento P.I. Estudos – N. 49 : Os Fundamentos da Sintaxe /s.d./. para referir-se às partes da gramática: fonética, morfologia e sintaxe.

com a única análise desse aspecto do pensamento de M. Camara feita por Valter Kehdi (2004, p. 106):

Partindo da noção de frase como unidade do discurso, com seus quatro elementos essenciais: o falante, o ouvinte, o assunto e a situação, bem como a especial importância atribuída à manifestação psíquica e apelo, integrados à simples informação (na esteira da *Sprachtheorie*, de Karl Bühler), Mattoso Camara estabelece a interpretação entre as frases intelectual e afetiva, propondo assim, uma sintaxe vinculada à estilística. Essa posição vai impedi-lo de aderir à sintaxe formalista dos bloomfieldianos, embora, como o mostraremos, não se possa deixar de reconhecer a proposta mattosiana de uma sintaxe rigorosa, elaborada e, sobretudo, explorável¹².

Discordamos desta leitura, sobretudo quanto à pretensão de enquadrar a sintaxe mattosiana em coordenadas eminentemente estilísticas. O problema que motivou, inicialmente, M. Camara foi o de situar a frase no âmbito da língua, na concepção saussuriana deste termo, visto que é ela, a frase, “uma unidade transitória e instantânea, que se cria com as circunstâncias do momento” (Lição IX, p. 83). Defende desde as Lições de 1938/ 1939 que a frase também pertence ao âmbito da língua por duas circunstâncias: primeiro porque se formula com os elementos fixos da língua (os fonemas, as sílabas, os morfemas, os semantemas e os vocábulos) e segundo,

porque se pauta por determinados modelos de forma, impostos pela língua aos indivíduos e de cujos princípios de constituição trata a parte da gramática chamada sintaxe; destarte, há, conforme o idioma, lineamentos fixos que orientam a criação das frases individuais (...)” (Lição IX, p. 84).

Mais tarde, no manual *Princípios de linguística geral*, em suas sucessivas edições desde 1942, este duplo aspecto da frase será representado pelos termos frase da língua e frase do discurso, na esteira de Albert Sechehaye (1870 – 1946). A consideração dos fenômenos abarcados por estes termos

12 Alguns pontos relevantes da análise de V. Kehdi (2004) são: a) M. Camara propõe uma sintaxe vinculada à estilística; b) demonstra uma preocupação constante com a apresentação de um quadro geral, o que o impede de lidar com alguns fenômenos relevantes; c) inova quanto a utilização do critério formal na apreensão dos termos oracionais; d) inova, igualmente, ao operacionalizar os pares opositivos de relações sintáticas (necessárias e livres; cerradas e soltas). Quanto aos documentos utilizados, a análise foi baseada sobretudo no *História e estrutura da língua portuguesa* (1975) e no *Dicionário de linguística e gramática* (1977). Discordamos do ponto a) apenas. O papel da estilística nas reflexões sintáticas de M. Câmara é subsidiário, na medida em que esta trata dos aspectos da linguagem ligados às funções apelativa e expressiva. Nas muitas reafirmações do conceito de sintaxe que encontramos em seus papéis de trabalho, também no conceito de sintaxe fixado na última edição do *Princípios de linguística geral* (1964), M. Camara enfatiza que essa parte da gramática trata do padrão frasal, elemento que torna a frase também parte da *langue*.

resultou na formulação e operacionalização do conceito de padrão frasal, definido como segue:

Partindo-se da integração dos morfemas e semantemas nos vocábulos, pode-se resumir em 3 itens os traços característicos de um padrão frasal: 1) a ordem dos vocábulos, de acordo com a sua função (...); 2) a associação dos vocábulos, de acordo com a sua categoria (...); 3) a concordância de categorias entre os vocábulos, de acordo com um princípio dado (MATTOSO CAMARA, 1964, p. 166-167).

Toda a reflexão mattosiana sobre fatos sintáticos, parece-nos, dá-se na base desta noção.

A ideia de sintaxe em M. Camara tem, portanto, a seguinte conformação: sintaxe é a parte da gramática que trata da análise dos padrões frasais. Já a ideia de padrões frasais aparece da seguinte forma: os padrões frasais resultam da maneira com que, em cada língua, joga-se com a ordem, a associação e a concordância entre os vocábulos (MATTOSO CAMARA, 1974, p. 169), o que M. Camara vai chamar de mecanismos sintáticos.

3. A ideia de sintaxe em Mattoso Camara e seu sistema de objetos

3.1 O domínio de objetos

Constituem, de modo lato, nosso domínio de objetos, não apenas as obras publicadas por M. Camara, mas também sua biblioteca e arquivo pessoais. No entanto, destacamos daí o conjunto de 12 documentos, referidos em 1.1, para compor nosso dossiê, do qual emergiu o sistema de objetos que se converteu em nosso objeto de investigação historiográfica.

135

3.2 O sistema de objetos¹³

O momento do processo de conhecimento especulativo da ideia de sintaxe que nos interessa historiar não constitui uma culminância, na medida em que as ideias aí em jogo não adquiriram identidade e estabilidade suficientes para servirem de base para novas produções de conhecimento. Deste modo, o trabalho teórico empreendido por M. Camara, cujos vestígios e testemunhos formam o objeto de nossa investigação, constitui apenas uma emergência, na medida em que as ideias aí em jogo adquiriram identidade e estabilidade

¹³ Auroux (2021, p. 3) define sistema de objetos como uma representação construída a partir do domínio de objetos. Deste modo, aquilo que chamamos de sistema de objetos da ideia de sintaxe de M. Camara é constituído pelas representações das ideias linguísticas referentes a nosso objeto de investigação, colhidas nos documentos que nos serviram como corpus de trabalho _ ou, na terminologia de S. Auroux, colhidas em nosso domínio de objetos.

suficientes para que sejam compreendidas como um fato histórico, do qual podemos reconstruir a situação, o contexto e o significado.

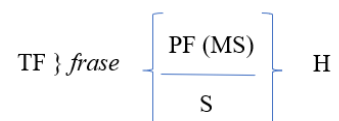
A ideia de sintaxe em M. Camara tem a seguinte conformação, como vimos em 2.2: sintaxe é a parte da gramática que trata da análise dos padrões frasais. Os padrões frasais resultam da maneira com que, em cada língua, joga-se com a ordem, a associação e a concordância entre os vocábulos (MATTOSE CAMARA, 1974, p. 169). Dado que ela se encontra inscrita na 4ª edição do *Princípios de Linguística Geral*, última preparada pelo autor, podemos tomá-la como a última forma da ideia objeto de nossa investigação, de modo a servir-nos como baliza para a elaboração de nosso conhecimento histórico.

A partir dessa conformação da ideia de sintaxe e de suas ocorrências nos papéis de trabalho, elaboramos o seguinte sistema de objetos:

I – COMPONENTES

- a) Teoria da frase (TF)
- b) Mecanismos sintáticos (MS)
- c) Padrão frasal (PF)
- d) Ideia de sintaxe (S)
- e) Horizontes (H)

II – ESTRUTURA



III – DESCRIÇÃO DA ESTRUTURA

Uma teoria da frase (TF) conforma o fenômeno linguístico em apreço através de uma conceituação e de uma escolha terminológica (*frase*), de que emerge um objeto científico, o padrão frasal (PF) com seus elementos (vocábulos, morfemas e semantemas) e cujas relações (ordem, associação e concordância) constituem os mecanismos sintáticos (MS). Este objeto enseja um campo de saber, a sintaxe (S). Os conhecimentos que o ensinam e aqueles que são nele produzidos reverberam os horizontes (H) que o fundamentam epistemologicamente.

4. Mostra dos resultados

4.1 Um documento revelador: P.I. Estudos – N. 49: Os Fundamentos da Sintaxe

O *P.I. Estudos – N. 49: Os Fundamentos da Sintaxe* apresenta o rascunho, com correções, de duas partes de um texto sobre sintaxe cujo plano pode ser inferido de outros documentos¹⁴; não apresenta nenhum título geral, porém, a certa altura, M. Camara escreve: “É, em última análise, uma achega à resposta adequada que agora se terá em vista nestas Investigações Sintáticas. (P.I. Estudos – N. 49: Os Fundamentos da Sintaxe, f. 25)”. A partir disso, consideramos lícito identificar o conjunto de registros das reflexões do autor sobre sintaxe com o título geral Investigações Sintáticas. Temos claro, porém, que não estamos aqui diante de um projeto acabado, senão, na maior parte, de notas esparsas que guardam alguma conexão temática.

As duas partes que foram postas no papel são intituladas: *I – Os fundamentos da sintaxe* e *II – A situação e a língua literária*. Apenas a primeira destas partes foi concluída. As seções 3. Morfologia e sintaxe e 4. Sintagmática e sintaxe foram editadas como um único texto, publicado em 1955 com o título *Morfologia e Sintaxe no Jornal de Filologia*¹⁵.

O documento guarda o registro de alguns movimentos de escrita organizados em duas redações gerais sobrepostas, uma datilografada e outra elaborada a partir de alterações, algumas destas datilografadas e outras manuscritas. Observemos alguns desses movimentos nas modificações dos tópicos, títulos e subtítulos que organizam o texto:

(r.1)	(r.2)
I – A SINTAXE E AS OUTRAS PARTES DA GRAMÁTICA	I – OS FUNDAMENTOS DA SINTAXE
1. O atraso dos estudos sintáticos.	
2. Necessidade de uma nova sintaxe descritiva.	
3. Morfologia e sintaxe.	
4. Sintagmática e sintaxe.	
5. A essência do conceito da frase e da sintaxe .	5. A essência do conceito da frase.
6. A Complexidade do estudo sintático .	6. A Complexidade do ato frasal .
7. A frase e as três funções de Bühler.	
	8. Sintaxe e estilística.
	9. Caráter dos tipos frasais.
9. A sintaxe da língua literária.	10. A sintaxe da língua literária.

14 A edição e análise destes documentos é objeto da tese de doutoramento na qual trabalhamos atualmente.

15 Reeditado no volume: MATTOSO CAMARA, Joaquim. **Dispersos**. Seleção e introdução de Carlos Eduardo Falcão Uchôa. 2 ed. Rio de Janeiro: FGV, 1975.

	II – A SITUAÇÃO E A LÍNGUA LITERÁRIA
	11. Ouvinte e leitor.

Tabela 1: Modificações no sumário do documento P.I. Estudos – N. 49: Os Fundamentos da Sintaxe

De modo geral, em termos de ideias linguísticas, podemos observar aí dois movimentos: primeiro o deslocamento do estudo sintático do espectro normativo para o linguístico; e segundo a progressiva relevância dada à teoria da frase como fundamento do estudo sintático.

O primeiro demonstra-se pela inclusão dos subtítulos 1. O atraso dos estudos sintáticos e 2. Necessidade de uma nova sintaxe descritiva, bem como da substituição do título I – A SINTAXE E AS OUTRAS PARTES DA GRAMÁTICA pelo título I – OS FUNDAMENTOS DA SINTAXE, o que sugere uma mudança de perspectiva: das relações entre as partes da gramática para a busca por fundamentos epistemológicos específicos dos estudos sintáticos.

O segundo movimento demonstra-se pela mudança dos subtítulos 5 e 6:

5. A essência do conceito da frase e da sintaxe.	5. A essência do conceito da frase.
6. A Complexidade do estudo sintático.	6. A Complexidade do ato frasal.

Tabela 2: Movimentação de ideias no sumário do documento P.I. Estudos – N. 49: Os Fundamentos da Sintaxe

Neles a ideia de sintaxe sede lugar à ideia de frase. Essa mudança acaba por afetar as próximas seções, que passam a tratar, com maior interesse, de aspectos estilísticos e discursivos. Resultaram esses movimentos no problema que passou a, de fato, interessar M. Camara ao rascunhar suas investigações sintáticas; encontramos no enunciado a seguir a melhor evidência de tal problema:

A compreensão da frase em toda a sua complexa natureza levamos, portanto, a um aspecto da sintaxe da língua literária, que se pode definir na seguinte questão: Até que ponto consegue a frase, na literatura, salvar os seus elementos que estão em princípio condenados a desaparecer, quando ela se transmuda de enunciação oral em formulação escrita? (P.I. Estudos – N. 49: Os Fundamentos da Sintaxe)

M. Camara parte de um interesse teórico mais amplo, encontrar os fundamentos da sintaxe, mas acaba por chegar a um problema particular da sintaxe da língua literária, como preservar na língua escrita as propriedades da frase da língua oral. Talvez tenhamos encontrado aí um dos motivos que o levaram a abandonar o projeto maior de uma tese sobre sintaxe: a dúvida quanto à escolha da escala de trabalho, visto que ambas, a fundamentação teórica e a questão da representação escrita das propriedades da frase oral, pareceram a M. Camara temas urgentes.

4.2 Análise das Ideias Linguísticas

Com base no sistema de objetos apresentado em 3.2, apresentamos a seguir uma breve análise das ideias de M. Camara sobre sintaxe. Partimos da hipótese de que há uma dependência teórica entre as ideias de sintaxe e de frase. No roteiro para uma palestra sobre o vocábulo mórfico na frase (P.I. Palestras – N. 4: 5ª Palestra sobre o vocábulo mórfico na frase) encontramos o seguinte enunciado:

Caráter duplo da frase, como atividade momentânea e pauta permanente. É dicotomia de Saussure entre langue e parole. Daí – a frase do discurso e a frase da língua. É esta última que entra no estudo gramatical (P.I. Palestras – N. 4: 5ª Palestra sobre o vocábulo mórfico na frase).

Aqui encontram-se ideias que são recorrentes na discussão mattosiana sobre sintaxe:

- ID₁ {a frase como atividade momentânea e como pauta permanente}
- ID₂ {a frase como elemento da língua e como elemento do discurso}
- ID₃ {a frase-elemento da língua como objeto do estudo gramatical}
- ID₄ {estudo gramatical como objeto de estudo da Linguística}

Este conjunto de ideias aponta para a presença de F. de Saussure (1857 – 1913) e de A. Sechehaye (1870 – 1946) no horizonte de retrospectiva de M. Camara; nessa medida, emergem em nossa investigação as linhas históricas que incluem o estruturalismo linguístico, como tradição de pesquisa, e a escola de Genebra, como sistema científico, como fontes de ideias para a produção científica de M. Camara.

A ideia de sintaxe pressupõe a ideia de frase, pois é na frase que se encontra o objeto da sintaxe, a saber, os padrões frasais. Segundo M. Camara a “classificação e interpretação dos padrões frasais constitui a sintaxe (P.I. Palestras – N. 4: 5ª Palestra sobre o vocábulo mórfico na frase)”. Alcançado o objeto próprio da sintaxe, M. Camara busca compreender sua natureza; neste sentido chama a atenção:

que, para concatenar as frases há três mecanismos na língua: colocação, regência, concordância. (...). A colocação é a indicação da função de cada elemento pela sua posição meramente. A regência é a indicação por meio de elementos formais. // A concordância é uma variação flexional de uma forma para acompanhar outra à qual ela está relacionada. (P.I. Aulas – N.2: 48 aulas transcritas pelo Prof. J.M.C.J no Instituto Nacional do Livro no Curso de Crítica Textual).

Alude também ao fato de que os “padrões¹⁶ variam muito de língua para língua. Na mesma língua há variações de padrões. Existe padrão básico e outros secundários (P.I. Aulas – N.2: 48 aulas transcritas pelo Prof. J.M.C.J no Instituto Nacional do Livro no Curso de Crítica Textual)”.

Destaquemos destes enunciados a ID₁ {colocação, regência e concordância como os três mecanismos sintáticos fundamentais} que encontramos também no enunciado a seguir, de Eduardo Carlos Pereira:

Tendo estudado os termos lógicos da frase, cumpre-nos agora estudar os processos sintáticos em relação a êles. // São três êsses processos: concordância, regência e colocação (1957, p. 234).

Isso nos leva a pensar no caráter de continuidade que o trabalho de M. Camara tem quanto à Gramática Tradicional, sem desdenharmos seu caráter inovador ao abordar esta ideia sob um novo ponto de vista, o da Linguística Descritiva, em detrimento do ponto de vista normativo, predominante naquela tradição de pesquisa.

A tensão entre o caráter de continuidade e o de inovação nas reflexões mattosianas sobre sintaxe advém do próprio momento histórico dessa disciplina; na concepção de M. Camara:

a sintaxe só muito dificilmente vai-se procurando desprender das velhas diretrizes da gramática greco-latina, onde era uma expo-

16 Vimos acima o que M. Camara entende por padrão frasal. Em nossa dissertação de mestrado (SILVA, 2019) colocamos em anexo uma esquematização dos padrões frasais da língua portuguesa apresentados no HELP (1970). Segue um extrato desta esquematização:

PADRÃO NOMINAL

SUJEITO + PREDICADO / nexos

SUJEITO ser PREDICADO Ex.: *O homem é bom.*

SUJEITO estar PREDICADO Ex.: *A vidraça está quebrada.*

PADRÃO VERBAL

(sujeito) PREDICADO

[SUJEITO 1ª OU 2ª PESSOA] VERBO Ex.: *Amo. Amas.*

ELE VERBO Ex.: *Todos o escutam com entusiasmo, quando ele fala.*

(SUJEITO) INTRANSITIVO (COMPLEMENTO) Ex.: *Ando.*

(SUJEITO) TRANSITIVO OBJETO Ex.: *Vejo o menino. (O homem deve amar a Deus.) =*

FRASE NOMINAL PASSIVA Ex.: *Esperamos os viajantes hoje. = Os viajantes são esperados hoje.*

(SUJEITO) INTRANSITIVO-RELATIVO OBJETO Ex.: *Falo ao menino. (Vou a Paris. Vou ao menino. [complemento de direção])*

PERÍFRASE VERBO-PRONOMINAL (Lat. Depoente)

Participação intensa do sujeito no que se expressa. Ex.: *A estrada se estende. Um clamor se ergue.*

Atividade em desdobramento. Ex.: *Vive-se. Falou-se.*

Supressão do sujeito. Ex.: *Quebrou-se o vaso.*

COM OBJETO PRONOME

OBJETO DIRETO Ex.: *Amo-o.*

OBJETO INDIRETO Ex.: *Falo-lhe.*

COMPLEMENTO DE DIREÇÃO Ex.: *Vou a ele.*

sição normativa, convencional, parcial e assistemática da arte de formular frases na língua escrita (P.I. Estudos – N. 49: Os Fundamentos da Sintaxe).

Em busca de novas diretrizes para a sintaxe, M. Camara manteve-se a par dos mais relevantes trabalhos linguísticos de sua época que tinham como tema a teoria sintática; o que fica evidente ao analisarmos as duas listas de autores a seguir:

P.I. Estudos – N. 49 : Os Fundamentos da Sintaxe	Duas palavras apenas
Teoria da formulação lógica da frase John Ries Otto Jespersen Alan Gardiner Ferdinand Brunot Albert Sechehaye Moritz Regula	Jespersen – Filosofia da Gramática (1924) Saussure – conceito de “sintagma” Bally – Linguística geral e linguística francesa (1944) F. Mikus – teoria sintagmática Hans Glinz – Forma interna do Alemão (1952)
Aspecto psicológico da frase Wilhelm Havers	Círculo Linguístico de Praga (1929-39) Karcevski – esboço de sintaxe funcional Martinet – artigo em Word (janeiro, 1960) e Elementos de linguística geral (1960)
Aspecto estilístico da frase Karl Vossler Eugene Lerch Gertraud Lerch E. Lorck Theodor Kalepky Leo Spitzer Charles Bally	Bloomfield (1933) – teoria dos constituintes imediatos Charles Fries (1952) Eugene Nida (1960) Charles Hockett – Curso de linguística moderna (1958) Zellig Harris – distribucionalismo Kenneth Pike – tagmémica N. Chomsky – gramática transformacional

Tabela 3: Listas de teóricos da sintaxe elaboradas por Mattoso Camara

A primeira encontra-se no documento sobre os fundamentos da sintaxe e está organizada em três blocos, a partir da perspectiva com que se estuda o fenômeno frase: lógica, psicológica e estilística. Neste momento, o horizonte de problematização de M. Camara coloca um foco maior nas questões lógicas e estilísticas referentes à frase; no período das *Lições de Linguística Geral* (1939 – 1941) a perspectiva psicológica já fora objeto de atenção, sobretudo quanto à análise da controvérsia entre Herman Paul (1846 – 1921) e Wilhelm Wundt (1832 – 1920).

No pré-texto ao livro *Nova Análise Semântica*, de Madre Olívia, encontra-se a segunda lista e, ao final dela, a afirmação de que o trabalho da autora não era ainda “uma renovação em moldes formais, especialmente atraente para as minhas predileções estruturalistas” (MATTOSO CAMARA in. MADRE OLÍVIA, 1970, p. 9). Nesta lista, que supomos mais recente, há claramente um refinamento quanto ao escopo de trabalho mais adequado às preferências do autor, a saber, o estudo sintático deve renovar-se em seu

aspecto descritivo, sincrônico; portanto, formal. Nessa medida, o autor inclui nesta nova lista Francis Mikus (1906 – 1985) e sua teoria sintagmática, bem como autores ligados à teoria dos constituintes imediatos bloomfieldiana.

Podemos apontar, portanto, três movimentos teóricos sobre sintaxe que foram objeto de levantamento por M. Camara: a sintaxe psicológica, no início de sua produção em linguística geral; a sintaxe lógica e a estilística (como uma espécie de sintaxe do discurso); e a sintaxe estrutural, que acompanhou em seu alvorecer.

5. Considerações finais

Considerando as reflexões metodológicas apresentadas e a aplicação parcial de seus resultados no relato dos processos de historicização da ideia de sintaxe no pensamento linguístico de M. Camara, concluímos este artigo _ reafirmando o potencial heurístico tanto da genética textual aplicada a textos científicos quanto da exploração de arquivos de linguistas para a História das Ideias Linguísticas. Por meio destas duas ferramentas, pudemos lançar luz sobre um aspecto menor, porém relevante, do labor científico de Joaquim Mattoso Camara Jr., protagonista de parte significativa de nossa história intelectual e linguística.

AUROUX, Sylvain. **A Questão da Origem das Línguas seguido de A Historicidade das Ciências**. Tradução Mariângela Peccioli Gali Joanilho. Campinas: Editora RG, 2008.

AUROUX, Sylvain. Introduction. In: **Histoire des idées linguistiques - tome 1**, La naissance des métalangages en orient et en occident. Liège: Mardaga, 1989.

AUROUX, Sylvain. **La raison, le langage et les normes**. Paris: Presses Universitaires de France, 1998. (Collection Sciences, Modernités, Philosophies)

AUROUX, Sylvain. Os modos de historicização. Tradução Jacqueline Léon e Marli Quadros Leite. In. **Todas as Letras**, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 1-12, jan./abr. 2021. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/6745> Consultado em: 02 fev. 2023. DOI 10.5935/1980-6914/eLETL216745

FENOGLIO, Irène. **Émile Benveniste: a gênese de um pensamento**. Valdir do Nascimento Flores, Verónica Galindez e Heloisa Monteiro Rosário (org.). Brasília: UNB, 2019.

FENOGLIO, Irène. Genèse du geste linguistique: une complexité heuristique. In.: **Genesis**, 35, 2012. Disponível em: <https://journals.openedition.org/genesis/1033> Consultado em: 02 jun. 2021.

FENOGLIO, Irène. **Manuscritos de linguistas e genética textual: quais os desafios para as ciências da linguagem**. Tradução Simone de Mello Oliveira, Verli Petri da Silveira, Zélia Maria Viana Paim. Santa Maria: UFSM/PPGL, 2013. (Série Cogitare; v. 11).

KABATEK, Johannes. **Lingüística coseriana, lingüística histórica, tradiciones discursivas**. Madrid / Frankfurt am Maim: Iberoamericana / Vervuert, 2018.

KEHDI, Valter. **A morfologia e a sintaxe portuguesa na obra de J. Mattoso Camara Jr.** Tese de livre-docência. São Paulo, FFLCH-USP, 1998.

KEHDI, Valter. A sintaxe em Mattoso Camara. In.: **D.E.L.T.A.** São Paulo, 20, pp. 105-127, 2004.

MATTOSO CAMARA, Joaquim. **Dicionário de filologia e gramática:** referente à língua portuguesa. Rio de Janeiro: J. Ozon, 1970.

MATTOSO CAMARA, Joaquim. **Dispersos.** Seleção e introdução de Carlos Eduardo Falcão Uchôa. 2 ed. Rio de Janeiro: FGV, 1975.

MATTOSO CAMARA, Joaquim. Duas palavras apenas. In.: MADRE OLÍVIA (Cília Coelho Pereira Leite). **Nova análise semântica.** São Paulo: J. Ozon, 1970.

MATTOSO CAMARA, Joaquim. **História da linguística.** 4 ed. Tradução Maria do Amparo Barbosa de Azevedo. Petrópolis: Vozes, 1986.

MATTOSO CAMARA, Joaquim. Lições de Linguística Geral: I a XII. In.: **Revista de Cultura** 25 (146):99-104, 25 (148):183-189, 25 (149):216-222, 25 (149/150):270-284, 26 (151):43-47, 26 (152/153/ 154):81-86, 26 (155/156):77-185, 27 (157):21-27, 27 (158):83-88, 27 (159/160):141-146, 27 (161/162): 202-208, 28 (163): 11-17. Rio de Janeiro: Briguiet, 1939-1940.

MATTOSO CAMARA, Joaquim. **Princípios de linguística geral:** como fundamento para os estudos superiores da língua portuguesa. Rio de Janeiro: F. Briguiet, 1942.

144 MATTOSO CAMARA, Joaquim. **Princípios de linguística geral:** como introdução aos estudos superiores da língua portuguesa. 2 ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1954.

MATTOSO CAMARA, Joaquim. **Princípios de linguística geral:** como introdução aos estudos superiores da língua portuguesa. 3 ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1959.

MATTOSO CAMARA, Joaquim. **Princípios de linguística geral:** como introdução aos estudos superiores da língua portuguesa. 4 ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1974.

MOURA, Tatiana Freire. A noção de arquivo e a ciência linguística: Centro de Estudos Linguísticos Mattoso Camara. In.: **V Seminário de estudos em Análise do discurso.** O acontecimento do discurso: filiações e rupturas. Porto Alegre, 2011. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/5SEAD/SIMPOSIOS/TatianaFreire.pdf> Consultado em: 19 fev. 2022.

PEREIRA, Eduardo Carlos. **Gramática expositiva:** curso superior. 107 ed.

DA SILVA, F. L.
O PROBLEMA
DA SINTAXE
EM MATTOSO
CAMARA:
*explorando alguns
papeis de arquivo
sobre o assunto*

São Paulo: Companhia editora Nacional, 1957.

SANTOS, Mário Ferreira dos. **Métodos lógicos e dialécticos**. Vol. I. São Paulo: Logos, 1959.

SILVA, Francivaldo Lourenço da. **A frase e sua teoria no horizonte de retrospecção de Mattoso Camara**. 2019. Dissertação (Mestrado em Letras). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

SWIGGERS, Pierre. Historiografia da linguística: princípios, perspectivas, problemas. In: BATISTA, Ronaldo de Oliveira. **Historiografia da linguística**. São Paulo: Contexto, 2019. p. 45-80

TESTENOIRE, Pierre-Yves. L'intérêt historiographique des manuscrits de travail de linguistes: l'exemple de la linguistique générale de Joseph Vendryes. In.: **Congrès Mondial de Linguistique Française**, 2016. Disponível em: https://www.shs-conferences.org/articles/shsconf/abs/2016/05/shsconf_cmlf2016_05003/shsconf_cmlf2016_05003.html Consultado em: 02 jun. 2021.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história**. Tradução de Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. 4 ed. Brasília: UNB, 1998.

PARKER, Francis H.; VEATCH, Henry B. **Logic as a human instrument**. New York: Harper & Brothers, 1959.

DEELY, John. **Introducing semiotic: its history and doctrine**. Bloomington: Indiana University Press, 1982.